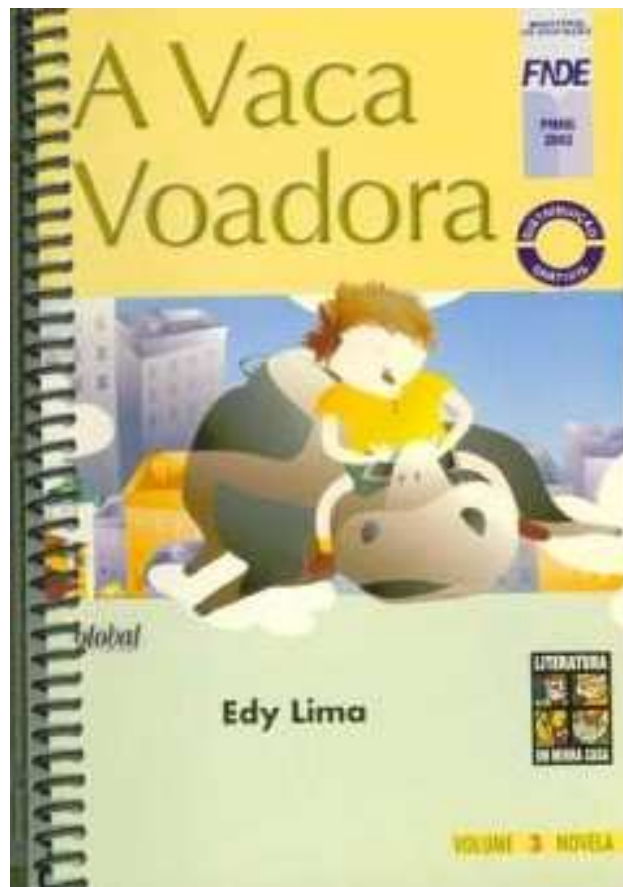




A Vaca Voadora

Edy Lima

Edy Lima. Nascida no Rio Grande do Sul e vivendo muitos anos em São Paulo e no Rio de Janeiro, a autora ganhou prêmios importantes como o Jabuti, o da Associação Paulista de Críticos de Arte, o do Serviço Nacional de Teatro, porque ela também escreve peças de teatro. Continua escrevendo para delícia de crianças e jovens. E adultos também.

Sumário

A chegada da vaca
Os ovos de ouro
Uma porta estreita para uma vaca larga
O elixir de levitar
O vôo em volta da Terra
O que acontecia lá em casa
A aterrissagem da vaca
O bálsamo dos gigantes
Os retratos de Aniceta
O barulho misterioso
A ambulância para a vaca
Engenheiros para abrir uma porta
Hora de almoço
A porta larga para a vaca
Uma fica zangada, outra oferece docinhos
Na trilha dos retratos
A nova porta
A felicidade geral
Ouro para quem quer ouro
Um ganha cheque e o outro uma pata
A chuarada e o telhado furado

A chegada da vaca

— Tias, um sujeito entrou no jardim com uma vaca em cima da capota do carro — gritei para dentro de casa.

O fato me pareceu meio estranho, porque nossa vida é sempre muito tranqüila. Só acontecem pequenas coisas. Ontem, por exemplo, estourou o forno do fogão. Mas isso não teve importância, porque tia Cristina Maria apenas comentou:

— Os fogões modernos não têm a mesma resistência dos de antigamente.

E tia Maria Cristina explicou:

— E pensar que uma coisa dessas aconteceu só porque esqueci o forno aceso, quando fui ao supermercado.

— Nem diga, Maricotinha.

— Pois é assim mesmo, Quiquinha.

Tia Cristina Maria chama tia Maria Cristina de Maricotinha. Por sua vez tia Maria Cristina chama tia Cristina Maria de Quiquinha. Acho que isso facilita distingui-las. Embora, na verdade, para serem irmãs gêmeas, não sejam nada parecidas. Tia Maria Cristina, a Maricotinha, é tão alta, quanto larga. Quer dizer, muito baixinha e gordíssima. Sempre vestida de branco. Foi ela quem deixou o forno ligado. Não pára de cozinhar, nem quando vai ao supermercado.

Tia Quiquinha, é alta, mais magra que um esqueleto e se veste de preto. Está sempre perto de outros fornos, que não de cozinha, mas de laboratório, procurando fórmulas secretas de alquimia.

Quando vim morar com elas, não sabia o que eram "fórmulas secretas de alquimia". Continuo não sabendo. Mas aprendi que os alquimistas eram homens que transformavam chumbo em ouro. E para descobrir os segredos deles é preciso mexer muito em potes e vidros, aquecê-los ao fogo, deixar esfriar. Aquecer de novo, esfriar outra vez, e assim por diante. Mais ou menos como inventar uma nova receita de comida. Por isso as duas irmãs se entendem muito bem. Quando uma diz:

— Sabe? Consegui fazer um rocambole sem recheio e com gosto de nada.

A outra responde:

— Hoje também fui muito feliz em meu trabalho, o elixir de levitar está cada vez mais levitante.

Antes eu não sabia o que era levitar. Depois entendi. É uma espécie de voar sem foguete, avião ou qualquer meio mecânico. A pessoa decola e pronto, eleva-se no ar.

Desse modo, a vida lá em casa é muito tranqüila. Por isso, fiquei espantado ao ver a vaca na capotado carro. E entrei em casa correndo para dar o aviso. Ao ouvir meus gritos tia Quiquinha abriu a porta do laboratório e apareceu no alto da escada. Tia Maricotinha largou as panelas e saiu da cozinha ao meu encontro.

— Que aconteceu, Lalau?

— Um homem com uma vaca na capota do carro — repeti.

— Não minta que é muito feio.

— Muuuuu....

— Lalau, não imite vaca.

— Pois se as tias não acreditam que a vaca está no jardim, é só olhar.

Olharam. Viram e exclamaram:

— Gumercindo!

Daí correram. O sujeito do carro, que estava desamarrando a vaca da capota, correu para as duas.

— Minhas tiazinhas do coração!

— Gumercindo, como você está magro!

Nesse instante, a vaca escorregou da capota do carro e caiu em cima do capô, vindo terminar sentada no pára-choque, que não resistiu ao peso e arrebentou.

— Veja só, Quiquinha, como são fracos esses carros modernos.

— Dizer que não resistem nem ao peso de uma vaca, quando as pirâmides estão construídas há quatro mil anos e continuam firmes.

Gumercindo tentava desembaraçar a vaca do pára-choque do carro e explicava:

— É um presentinho que trouxe para as tias.

— Você sempre foi um sobrinho tão bom!

— Pensei em substituir a tartaruga de estimação, que quebrou o casco na última vez que estive aqui.

— Coitadinha! Que acidente horrível cair de cima do telhado.

— E justamente de costas.

— Verdade que, para uma tartaruga, ela era muito ágil.

Como aquilo devia ter acontecido antes de eu vir morar ali, indaguei:

— Mas tartaruga anda no telhado?

— Em geral não, Lalau, mas aquela tinha tomado uma dose do meu elixir.

— Então por que andava em vez de levitar?

— Porque tartaruga é muito lenta.

Gumercindo me olhava espantado. As duas se lembraram de que ele não me conhecia e fizeram as apresentações:

— Este é Lalau, filho da enteada da cunhada de uma prima de Aniceta.

Gumercindo ergueu-me nos braços (eu tinha seis anos nesse tempo) e me beijou emocionado. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto:

— Um neto de Aniceta é para mim mais que um filho. Conte comigo, menino, fui o primeiro namorado de Aniceta e só não casamos porque ela morreu daquela maneira...

— De que maneira? — eu quis saber.

Gumercindo chorava tanto que a vaca já tinha se aproximado para lamber o sal das lágrimas. Depois fiquei sabendo que vacas gostam tanto de sal como cavalos gostam de açúcar.

Mas tia Quiquinha interrompeu, me repreendendo:

— Não seja indiscreto, Lalau, você não tem idade para ouvir essa história.

Mais tarde, quando tive idade, soube. Aniceta era prima da cunhada de minha mãe e não minha avó. Nem avó de ninguém, porque não casou e nunca teve filhos. Ainda jovem morreu de rir. Isso tudo por causa da proposta de casamento de Gumercindo. Achou graça e riu muito. Quando quis ficar séria, não conseguiu. Perdeu o fôlego e morreu. Era por essa razão que naquele instante Gumercindo chorava comigo nos braços, diante de minhas tias, da vaca e do carro com o pára-choque quebrado.

Os ovos de ouro

Parecia que íamos ficar o resto da vida todos parados no quintal e Gumerindo chorando para sempre. Tia Maricotinha, que sem dúvida era uma pessoa de senso prático, lembrou-se de dizer:

— Você não quer almoçar, Gumerindo?

Tia Quiquinha não entendeu que o convite era apenas para distrair a dor de Gumerindo e atalhou:

— Almoçar agora? Mas são nove horas da manhã!

Tia Maricotinha insistiu:

— Não precisa ser um almoço completo, pode ser apenas uma omelete.

Gumerindo entusiasmou-se, largou-me no chão e concordou:

— Uma omelete? Que bela idéia! Aceito sim.

— Venha então para a cozinha.

Tia Maricotinha foi entrando em casa, seguida por Gumerindo. A vaca quis acompanhá-los, mas não conseguiu passar na porta, que era um tanto estreita para seu corpanzil. Eu e tia Quiquinha, um pouco constrangidos em deixar a vaca sozinha no lado de fora, ficamos em frente à porta da cozinha, fazendo-lhe companhia. Lá dentro, tia Maricotinha tentava partir os ovos para fazer a omelete, e reclamava:

— Repare só, Gumerindo, que absurdo, só encontro ovos de ouro.

Quiquinha com essa mania de transformar tudo em ouro, não deixou um só ovo de verdade.

— Têm por aqui alguma galinha que põe ovos de ouro? — quis saber o sobrinho.

— Não, mas Quiquinha, em suas experiências, transforma tudo em ouro.

— Deixe-me ver se consigo quebrá-los com o martelo.

Gumerindo não conseguiu. Tia Maricotinha, nervosa com a falta de ovos naturais para a omelete, começou a jogar os ovos de ouro no quintal.

Ao mesmo tempo dizia a Gumerindo:

— Descanse um pouco da viagem, enquanto vou ao supermercado buscar ovos com que se possa fazer uma omelete.

Antes de sair, jogou fora o resto dos ovos de ouro para evitar misturá-los

com os outros que ia trazer. A vaca estava bem em frente à porta da cozinha, olhava tudo com a boca aberta de estranheza. Foi por isso que um dos ovos de ouro entrou-lhe pela boca. A coitada da vaca, ao sentir que estava engasgada, tossiu e tentou livrar-se daquela situação.

Tia Quiquinha, perdida em seus pensamentos e alheia a tudo o que ia em volta, como era seu costume, nada viu. Eu dei o alarme:

— Tia Quiquinha, ajude, a vaca está engasgada!

— Que horror! Se ela também morrer sem fôlego, como Aniceta, vai ser um novo choque para Gumerindo.

— Faça alguma magia para salvá-la.

— Não é caso para isso, basta dar-lhe uns tapas nas costas como em qualquer pessoa quando se engasga.

— Mas acho que os tapas precisam ser muito mais fortes — lembrei.

— Você tem razão, Lalau.

Dizendo isso tia Quiquinha me ergueu do chão e me colocou em cima do pescoço da vaca, recomendando:

— Pule com toda força, isso vai desengasgá-la.

Obedeci à ordem de minha tia. Pulei com quantas forças tinha. E, embora a vaca demonstrasse que sentia um certo alívio, pois não tossia mais. Tia Quiquinha parece que entendeu isso de outra maneira, porque observou:

— Lalau, pule mais forte, ela está morrendo sufocada!

Fiz o que pude.

Nesse momento tia Maricotinha voltou do supermercado com o pacote de ovos na mão.

A vaca, com um supremo esforço e muita vontade de viver, conseguiu afinal, em um arranco, que me jogou longe, jogar também longe o ovo de ouro que estava em sua garganta.

O ovo saiu da boca da vaca como uma bala de canhão e com tal pontaria que acertou exatamente no pacote que tia Maricotinha carregava.

Enquanto a vaca babava de gosto por sentir-se desengasgada e ao mesmo tempo livre dos meus pulos em seu pescoço, tia Maricotinha ficava coberta de ovos quebrados que escorriam, gemas e claras misturadas, pelo seu vestido branco. A

vaca, mostrando mais uma vez seu bom caráter, tentou limpar a sujeira, lambendo tudo, como se fosse culpada do desastre.

Tia Maricotinha embora também de muito bom caráter, resolveu reclamar. Não contra a vaca, mas contra tia Quiquinha:

— Não fosse sua mania de virar tudo em ouro, isso não teria acontecido.

— Calma, Maricotinha, nada é tão grave quanto a gente supõe, nem tão suposto quanto a gente agrava.

— Mas já decidi fazer omelete e quero fazer uma.

— Deixe que eu transformo alguns ovos de ouro em ovos comuns.

— Duvido que você possa fazer isso.

— Não é mais difícil transformar um ovo de ouro em ovo comum, do que um ovo comum em ovo de ouro.

— Não sei, não. Eu posso transformar ovos em omelete, mas não posso transformar omelete em ovos.

— É que a magia tem razões que a culinária desconhece.

Enquanto as duas discutiam, o que era muito raro, pois, realmente, tudo em nossa casa era sempre resolvido na maior paz, a vaca continuava tentando limpar toda a sujeira, tanto do avental de tia Maricotinha como do chão. Chegou mesmo a engolir a embalagem para não deixar vestígios do desastre.

Por minha vez comecei a juntar os ovos de ouro que estavam esparramados por todos os cantos do jardim. Catei os mais à mostra e depois os que tinham ficado no meio das plantas e flores, por último um que fora parar dentro do carro de Gumercindo.

Quando entreguei os ovos a tia Quiquinha, ela me agradeceu:

— Obrigado, Lalau. Era disto que eu precisava para obter ovos para omelete. Pois, para transformar uma coisa em outra, é preciso que exista alguma coisa.

Foi o primeiro ovo de ouro transformado, outro, mais outro, enfim dezenas, em ovos apenas.

Tia Maricotinha desculpou-se:

— Você é mesmo mais capaz em magia, do que eu em culinária.

— Nada disso, cada uma de nós é como a outra, sendo diferentes em plena

igualdade — respondeu tia Quiquinha.

Às vezes ela falava de forma que a gente não entendia muito bem.

Embora de maneira tão clara que não permitia pedir esclarecimentos.

Uma porta estreita para uma vaca larga

Entramos todos. Menos a vaca. Não passava na porta. Ficou tentando.

Nós, lá dentro, encontramos Gumerindo dormitando num banco de cozinha.

Acordou sobressaltado e quase caiu. Conseguiu equilibrar-se contra a parede e gritou:

— Ai! Socorro! Há uma vaca na porta!

— Calma, Gumerindo, é a nossa vaca.

— Se é nossa, por que não entra?

— Porque a porta é estreita e a vaca é larga.

— Então, se as tias me permitem, vou alargar a porta.

Tia Quiquinha concordou:

— Creio que é o único jeito, já que não podemos estreitar a vaca.

Enquanto tia Maricotinha quebrava os ex-ovos de ouro e batia a omelete, Gumerindo quebrava o batente da porta. Não adiantou nada. A vaca, mesmo assim, continuava muito larga. Não deu tempo de Gumerindo derrubar parte da parede, porque a omelete ficou pronta e tia Maricotinha chamou:

— Venha almoçar, Gumerindo.

— E vocês?

— Nós já tomamos o café da manhã e para almoçar ainda é cedo.

— Mas não posso comer sozinho uma omelete de doze ovos!

Por delicadeza resolvemos comer com ele.

Assim que provamos a omelete, todos tivemos que concordar que ovos de ouro nunca poderão ter gosto tão saboroso como os comuns. Tia Quiquinha também se dobrou à evidência e saiu-se com esta:

— A ciência não consegue imitar a natureza.

Gumerindo, que era um tanto poeta, acrescentou:

— Isso é porque a natureza imita a arte.

Percebi logo que a hora era de fazer imitações e mostrei a eles tudo que sabia: imitei com a maior arte a voz natural do gato, do cachorro, da vaca e dos passarinhos. Tia Maricotinha bateu palmas:

— Este menino é mesmo uma graça.

— Parece a Aniceta criança — elogiou Gumerindo, com voz alegre, por rever algo de sua amada, e com a cara triste que sempre fazia ao pronunciar o nome dela.

Mas a vaca lá fora estava inquieta. Ao sentir-se só e abandonada, do lado de fora da porta, berrava sem a menor arte com sua voz natural e nada científica.

— É preciso dar um jeito de trazê-la para dentro de casa — opinou tia Maricotinha.

Gumerindo sugeriu para mim:

— Vamos tentar, Lalau, você a empurra de trás, que eu puxo pelos chifres.

Empurrei. Ele puxou. Mas a vaca não passou. Tia Maricotinha com seu espírito prático sugeriu:

— Se ela não passa pela porta, por que não a fazem entrar pela janela do andar de cima?

— É isso mesmo! — gritei entusiasmado. — Foi assim que o piano entrou na casa dos vizinhos aí da frente.

— Será que temos cordas fortes que agüentem o peso da vaca? — quis saber Gumerindo.

— E as que a amarravam no carro? — indaguei eu.

— São muito curtas para erguê-la até a janela de cima — explicou Gumerindo.

— E o seu elixir de levitar, Quiquinha, não pode erguer a vaca? — foi a pergunta de tia Maricotinha.

— É mesmo! Vou buscá-lo.

O elixir de levitar

Tia Quiquinha era muito distraída, por isso nunca se lembrava de seus poderes e das vantagens que era capaz de tirar deles.

Mas o que tinha de distraída, tinha de prestativa. Se alguém aconselhava que transformasse ovos de ouro em ovos comuns ou fizesse uma vaca voar, ela sempre atendia. Parei de empurrar a vaca. Gumercindo parou de puxá-la. A vaca parou de berrar. Tia Maricotinha parou de falar. E assim, todos parados, esperamos o elixir de levitar. Veio em um vidrinho na mão de tia Quiquinha.

A vaca era mesmo boca aberta. Estava outra vez com a bocarra escancarada. Tia Quiquinha aproveitou e jogou um pouco de elixir em sua língua. A vaca lambeu-se como quem gostou. Mal lambeu-se e começou a erguer-se. Coisa pouca. Um palmo ou dois do chão. Gumercindo ainda teve tempo de aconselhar:

— É melhor que alguém a cavalgue senão ela perde o rumo da janela.

— Só se pode cavalgar um cavalo — corrigiu tia Quiquinha.

— Uma vaca se vaqueja? — quis saber tia Maricotinha.

— Monta-se.

— Então, é preciso que alguém a monte — implorou Gumercindo, meio aflito ao ver que a vaca já estava a mais de meio metro do chão.

— Monte-a você, então — gritou tia Maricotinha.

Gumercindo tentou, mas não conseguiu. Num gesto desesperado ele me ergueu nos braços e me colocou no dorso do bicho.

— Vá você, Lalau, seja brioso, mostre que somos de uma família de homens valentes como seu tio.

— Mulheres corajosas como suas tias — continuou tia Maricotinha.

— Vaqueiros vaquejantes de vacas voadoras — falou tia Quiquinha ligeiramente nervosa.

Não entendi por que ela parecia preocupada, eu me sentia muito feliz,

segurei firme nas crinas da vaca. Quando contei isso, tia Quiquinha corrigiu:

— Cavalo é que tem crina, vaca é pêlo, mesmo.

Em todo o caso, agarrei-me como pude. Depois dobrei o corpo sobre o pescoço dela e me senti muito confortável e seguro entre os dois chifres.

Mas quando atingimos um metro e meio mais ou menos, a vaca empacou. Nem para cima nem para baixo.

— Guie sua montaria para a janela, Lalau! — gritou Gumercendo, com tal vozeirão que eu teria ouvido se já tivesse subido um quilômetro.

— Não posso, ela está enguiçada.

— Deve ter sido pouco elixir — observou Maricotinha. — Isso é como falta de fermento em bolo: ele não cresce.

— Dei a ela uma dose de tartaruga. Não calculei que, para um animal muito mais corpulento, a dose deveria ser aumentada.

— Então vá buscar mais.

— Você tem razão, Maricotinha.

Tia Quiquinha saiu às carreiras. Não vi, mas deve ter ido ao seu laboratório, que era o lugar onde guardava o elixir. Desta vez voltou com um garrafão e ordenou:

— Gumercendo, pegue uma escada para poder derramar o elixir na boca da vaca.

Ele correu de um lado para outro, entrou em casa e voltou explicando:

— A única escada que encontrei é a que leva do térreo para o andar de cima.

— Deixe que vou buscar a escada de lavar vidraça — falou tia Maricotinha.

Enquanto isso o elixir foi perdendo o efeito. A vaca começou a descer, devagar como tinha subido.

Não era mais preciso escada. A vaca pairava apenas a um palmo do chão.

Tia Quiquinha aproveitou a proximidade para tentar enfiar o gargalo do garrafão na boca da vaca e dar-lhe elixir de levitar como quem dá mamadeira para criança. A vaca não aceitou. Não era mais criança. Até mesmo, pelo juízo que demonstrava, parecia ser uma vaca bem madura.

Gumercendo interveio:

— Acho que ela bebe melhor se pusermos o elixir numa bacia.

Tia Maricotinha só encontrou, na cozinha, uma bacia de plástico que usava para misturar massa de pastéis. Aí fui eu que resolvi dar um palpite:

— Essa não, é vermelha e pode enfurecer a vaca.

— Engano seu, Lalau, o vermelho nada tem a ver com a fúria do touro e outras coisas similares — explicou tia Quiquinha.

— E, afinal, ela é vaca e não touro, — concluiu tia Maricotinha.

— Mas eu tenho medo que ela se enfureça — gritei apavorado.

Minhas tias eram muito pacientes e nunca me forçavam a nada.

Gumercindo, então, nem se fala, só de pensar no meu remoto e quase possível parentesco com Aniceta, seria incapaz de fazer qualquer coisa que me contrariasse. Mas o meu protesto criou um impasse. A única bacia existente era vermelha. E sem bacia a vaca não ia beber o elixir. Tia Quiquinha, superdotada como era, lembrou-se:

— Corra a meu laboratório, Gumercindo, e traga um tacho de alquimia.

Gumercindo já embarafustava pela porta da cozinha adentro, quando ela terminou de explicar:

— Um tacho que esteja vazio.

A vaca ia descendo cada vez mais, agora suas patas quase tocavam no chão.

Tia Maricotinha me deu alguns biscoitos, dizendo:

— Não está com fome?

— Estou sim.

Não estava, mas biscoito é muito bom de mastigar, principalmente por causa do barulhinho que faz. Isso me distraía da espera e ao mesmo tempo, pensava eu, talvez evitasse ocorrer às minhas tias a idéia fatal de me desmontar da vaca. Eu queria muito levar com ela.

Gumercindo voltou no momento exato em que as patas da vaca pousavam novamente no chão e eu recebia outro punhado de biscoitos de tia Maricotinha. Num instante despejaram o elixir no tacho. Parece que a vaca estava com sede.

Também, coitada, só tinha comido os ovos e a embalagem. Ninguém lhe havia dado nada para beber. Não porque minhas tias não fossem pessoas muito hospitaleiras, mas com certeza não sabiam o que uma vaca prefere.

E sem dúvida sentiam-se constrangidas em cometer alguma falta de polidez em relação ao pobre animal. Basta a inabilidade da tentativa de oferecer-lhe o garrafão-mamadeira. No tacho a vaca bebeu à farta e felizmente depressa. Pois o efeito foi imediato. Começou logo a afastar-se do chão. Mesmo assim inclinou bem a cabeça para baixo de modo a continuar bebendo e o conseguiu. Eu me agarrei firme no seu pescoço e um biscoito caiu no chão. Gumercindo o apanhou e pôs no bolso de minha camisa. Tia Maricotinha gritou o último aviso:

— Dirija a vaca para a janela grande do quarto. Por lá ela entra sem dificuldade.

— Agarre-se bem — recomendou Gumercindo.

— Não tenha medo, pois o que a gente não receia não acontece — foi a frase de despedida de tia Quiquinha.

E os três ficaram no quintal abanando a mão para mim como se eu fosse fazer alguma viagem.

O vôo em volta da Terra

Tentei dirigir a vaca para o lado da janela, mas era como partir a duzentos quilômetros num carro de corrida e querer frear depois de andar três ou quatro metros. Nem a vaca, nem eu, sequer vimos a janela.

Subimos feito um foguete.

Pensei que tínhamos entrado em órbita.

Logo me lembrei de que as minhas tias e Gumercindo saberiam notícias nossas pela televisão e pelos jornais.

Pois decerto seríamos identificados como o disco voador de quatro pernas, talvez de seis, se fossem capazes de enxergar as minhas também.

Não tinha conseguido pôr a vaca para dentro de casa. Mas diante da notoriedade que para sempre revestiria meu nome, tudo seria compensado.

Eu já via as manchetes dos jornais:

"Elixir de levitar torna-se o mais importante combustível para a conquista do espaço!"

"Enfim, esclarecido o mistério dos discos voadores!"

Essa semelhança com o disco voador voltava-me sempre ao pensamento, porque, segundo eu tinha ouvido tia Quiquinha explicar, são naves que andam para cima e para baixo e mudam súbito de direção. Isso era exatamente o que ocorria com a vaca. Ela subia e descia e mudava sempre de posição. Achei que lá nas alturas ela se tornara muito voluntariosa.

Arrependi-me logo desse pensamento. Sabia que uma criatura tão paciente, que não soltava nem sequer um "muuuuu" de espanto diante daquela situação, não seria capaz de fazer nada para me perturbar. O vento é que devia desviá-la da rota.

Minha sensação era de estarmos dando voltas ao redor da Terra. O que era verdade, mas só até certo ponto. Não voávamos acima da atmosfera, como foguetes, mas apenas a uns 5.000 metros, como qualquer jatinho de segunda ordem. Nessa altura comecei a sentir frio e me arrependi de não ter trazido casaco e um gorro de lã que tia Maricotinha me fizera no último inverno. O jeito era me agarrar no pêlo da vaca, que de certo modo era quentinho.

Lá embaixo eu ia vendo oceanos, montanhas, desertos e os contornos dos continentes. Nessa época ainda não tinha estudado geografia na escola.

Porém, quando estudei geografia mais tarde, sempre entendi tudo com a maior facilidade, graças a esse vaquejar aéreo tão instrutivo.

Mas o efeito do elixir é sempre de pouca duração. Por isso, depois de algumas voltas em redor da Terra, a vaca foi perdendo altura e velocidade.

Nesse momento tive uma grave preocupação:

— Como vou saber onde é a casa de minhas tias neste mundo imenso?

A vaca parece que estava com a mesma preocupação, porque respondeu meu pensamento com um "muuuuu" muito triste.

Eu já tinha ouvido contar que cavalos e cães são capazes de voltar para casa, por mais longe que estejam, guiando-se pelo olfato. Será que as vacas também podiam fazer isso? Mas, se fosse assim, sabe para onde ela ia me levar? Afinal, a casa de minhas tias não era a dela. Quer dizer, ia ser no futuro, mas até agora não tinha sido. E ocorreu-me outra idéia terrível:

De onde Gumercendo trouxe esta vaca?

E o pensamento era mais angustiante porque eu supunha que era para lá

que a vaca ia me levar.

Continuamos descendo. E não só a altura, mas a velocidade também diminuía. Era agora como passear de helicóptero. Eu nunca tinha andado em um, naquele tempo, mas depois andei. E na ocasião me pareceu que era como voar numa vaca. Por isso creio que as duas coisas se equivalem. E quem tiver tido, como eu, as duas experiências, possivelmente concordará com minha afirmação.

O meu receio de descermos em lugar errado foi desaparecendo, quando reconheci nossa cidade, embora eu antes nunca a tivesse visto do alto.

Logo identifiquei os edifícios, as avenidas, os viadutos, o estádio de futebol e o telhado da casa de minhas tias. A vaca, sem dúvida, tinha um senso de orientação muito especial. Talvez pudesse ser também senso de responsabilidade. Decerto sentia-se obrigada a me trazer de volta para casa.

Nosso vôo, eu soube depois, não mereceu nenhum noticiário da televisão nem dos jornais. Mais tarde entendi que só se torna notícia o que é anunciado com antecipação. E que a imprensa, falada ou escrita, como dizem, só toma conhecimento do que de antemão lhes é oferecido como algo sensacional. Claro que minhas tias não telefonaram avisando coisa alguma. Por isso os que viram a vaca voando acharam que estavam enganados e preferiram ficar quietos. Afinal, o que não foi afirmado com antecedência que vai acontecer não pode acontecer. E essa é uma regra bem estabelecida, que ninguém gosta de quebrar.

Mas há pessoas menos profissionais que as de imprensa e de televisão.

Foram essas que ficaram alarmadas. Um representante da Sociedade Protetora dos Animais, um especialista em discos voadores e alguns membros de sociedades ocultas. Estes últimos pensaram que se tratava da besta anunciando o Apocalipse (um livro que prevê como vai ser o fim do mundo) e que a vaca voadora era o começo das desgraças.

Essas pessoas telefonaram para os jornais, organizaram passeatas de protesto contra o desrespeito pela vaca e coisas semelhantes. Em mim não falavam, isso porque olhando de baixo não me viam. Eu continuava sempre muito grudado no pescoço da vaca, de medo de cair. De longe dava a impressão de tratar-se de uma vaca zebu, com corcova em cima do pescoço. Mas a imprensa não levou a sério esses visionários e os desiludiu sobre a possibilidade de noticiarem tamanha

bobagem.

Quanto ao fim do mundo, todos acharam absurdo que fosse ocasionado por uma vaca voadora. E com muita razão. Afinal num mundo civilizado como o nosso, não se pode crer em tais superstições.

O que acontecia lá em casa

Minhas tias não foram incomodadas por ninguém. Quem iria descobrir que o quintal da casa delas fora o lugar de onde tinha subido a vaca? Suas preocupações eram de outra ordem:

— Lalau é um menino ainda muito pequeno para andar tão longe de casa — suspirava tia Maricotinha.

— Mas a vaca é mansa e de bom caráter — assegurava Gumerindo, tentando não só tranquilizar a tia, mas principalmente a si mesmo.

Ele era uma pessoa de muita responsabilidade. E a vaca sendo presente dele, tomava a si a culpa do que ocorria por causa dela. Aliás, devido a esse senso de responsabilidade é que não se conformava com a morte de Aniceta. Se não lhe tivesse proposto casamento, ela não teria morrido de rir.

Tia Quiquinha, entretanto, era como um cientista: dominava a sua invenção. Sabia os poderes e os limites do elixir e explicava:

— Logo mais estarão aqui de volta, foi apenas um engano de dosagem.

Na próxima vez saberei a exata quantia necessária para que uma vaca erga-se no ar apenas até a janela do primeiro andar.

— O pobrezinho só levou uns biscoitos nos bolsos; será que não está com fome? — preocupava-se tia Maricotinha.

E Gumerindo lamentava:

— Lá em cima é muito frio para quem está sem casaco.

— Tudo isso são bobagens. O elixir é como um combustível interior e o corpo da vaca deve estar tão superaquecido que Lalau não poderia sentir frio nem que estivesse perdido no Pólo Norte.

De onde se percebe que, às vezes, mesmo as pessoas mais sábias, como

era o caso de tia Quiquinha, podem se enganar. Senti frio, sim. Embora depois não tenha contado isso para ela. Achei melhor, deixá-la pensar que o elixir agia exatamente como a fórmula determinava.

Mas, enfim, não podiam ficar o tempo todo no quintal de nariz para o ar à espera de que eu e a vaca tornássemos a ser visíveis. Cada um foi tratar da vida. Tia Maricotinha resolveu que o almoço daquele dia merecia maior capricho. Afinal ali estava Gumercindo, seu querido sobrinho que, de tão bom que era, até lhes trouxera uma vaca de presente. Mas isso a fez lembrar de mim:

— Quando penso naquele menino andando por aí à toa, até me arrepia.

Tia Quiquinha voltou ao laboratório, dizendo:

— Devo fazer uma tabela exata de relação de peso, volume, velocidade, tempo, espaço, energia, força, calorias e vitaminas, para de uma vez por todas determinar quanto necessita cada animal terrestre, marítimo ou aéreo para voar...

Nesta altura de seu pensamento teve uma grande dúvida, como sempre acontece com os sábios:

— Será que o elixir pode ser aplicado a animais que voam sem elixir?

Gumercindo opinou:

— Acho que, se já voam, não precisam de elixir para voar.

— Pois essa é uma resposta pouco científica e sem muita profundidade. A gente pode nadar, mas precisa de navios para atravessar o mar.

Diante daquele raciocínio tão mais equilibrado e lógico do que o seu, Gumercindo ficou de queixo caído. Tia Quiquinha recolocou-lhe o queixo no lugar e ele se afastou do laboratório.

Ainda não tinha tido tempo de ir buscar sua mala no carro. Foi o que fez.

Como Gumercindo ia passar só um dia em casa das tias, sua bagagem era pouca. Mas trazia na mala, isto sim, o seu maior tesouro: os retratos de Aniceta. Eram retratos desde quando ela era bebezinho, até um tirado poucos dias antes do ataque de riso fatal. Aniceta em meio às flores.

Aniceta comendo sanduíche num piquenique. Aniceta de velocípede aos três anos de idade. Aniceta na escola com o dedo na boca, em meio às outras colegas e a professora. Aniceta recebendo o diploma da escola.

Enfim, Anicetas variadas em idade, formato e feitio, em cores e em branco-e-

preto. A maior coleção do mundo de Anicetas. Isso era um dos orgulhos de Gumerindo. Levava os retratos aonde fosse e sempre os pendurava na parede. Quando se hospedava em hotel colocava-os no quarto, pois era um rapaz muito discreto. Mas na casa das tias, era diferente. Nada mais natural do que fazer Aniceta participar da vida da família, colocando seus retratos na sala.

A aterrissagem da vaca

Pelo jeito, quando o elixir começa a perder a força, a descida é cada vez mais rápida. Voejávamos agora sobre a rua em que morávamos e a cachorrada corria, latindo para o alto. A criançada da vizinhança também apareceu e até algumas mães. Mas naquele instante minha preocupação era conseguir dirigir a vaca para nossa casa.

Lá embaixo, as vizinhas gritavam:

— Que menino travesso!

— Cada brinquedo que inventam! Não faltava mais nada, senão uma vaca voadora.

— Ainda bem que não faz barulho como motocicleta.

A meninada, ao contrário, babava-se de gosto e pedia:

— Lalau, deixa depois eu andar de vaca um pouquinho?

— Mãããeee, quero uma vaca dessas de presente de Natal.

— Lalau, me leva na garupa?

— Uma carona pra mim também!

E eu ali, sem saber como explicar. Tinha consciência que elixir de levitar era segredo de tia Quiquinha. Mesmo nessa idade já era muito sério.

Compreendia que assuntos de família não podem ser discutidos fora de casa. Preferia morrer a contar que minha tia dera elixir para a vaca.

Pensassem o que quisessem. Meu problema era levar a vaca sã e salva em direção à janela do primeiro andar e fazê-la entrar na casa. Se não o conseguisse, tudo estaria perdido. De que valeria nossa viagem em torno da Terra, se não pudéssemos obter o fim para o qual fora dado o elixir para a vaca?

Acho que a gritaria da vizinhança me perturbou um pouco, ou talvez tenha

perturbado a vaca. A verdade é que não conseguimos embicar na janela. Ou terá sido o elixir que de súbito perdeu a força? O certo é que a vaca esparramou-se no telhado. Como era muito pesada e as telhas já eram velhas, foi aquele estrondo:

CRAAASSHHHH

Tive a impressão de que era o fim do mundo, embora não soubesse nada do que os membros das sociedades ocultas tinham pensado do vôo da vaca.

A casa tremeu inteira. Mas o assoalho do andar de cima era resistente e como disse tia Quiquinha:

— Ainda bem que esta é uma casa sólida como as que se construíam antigamente.

A segunda voz que ouvi foi a de Gumercendo, gritando:

— Está havendo um terremoto?

Tia Quiquinha tranquilizou-o.

— Não, meu bem, é apenas um "casamoto".

Ao mesmo tempo tia Quiquinha me erguia no colo e me beijava muito emocionada. De seus braços passei para os de Gumercendo e por fim para os de tia Maricotinha, que, como sempre, só conseguia subir a escada devagar e por isso demorou a chegar.

— Está com fome, meu anjinho?

— Tem sorvete de chocolate?

— Não, mas tem pastéis, você quer?

— Pastéis recheados com quê?

— Com palmito.

— Ah! Pensei que fossem recheados de chocolate.

— Vou fazer já uns para você, que bem os merece.

Mas assim que ela começou a descer a escada para cumprir tão apetitosa missão, Gumercendo reparou na vaca e observou:

— Ela parece um pouco estranha, será que o elixir a deixou perturbada?

— Não seja ignorante. O elixir não tem efeitos colaterais. — explicou tia Quiquinha.

— Então por que está tão abatida?

— Cansada de voar, decerto — comentei.

— Lalau é mesmo muito inteligente. Só pode ser isso.

— Acho que devemos dar um pouco de chocolate para ela também.

Gumercindo foi buscar. E quando tia Maricotinha voltou com os pastéis para mim, ele trouxe uma boa porção de creme de chocolate. Colocou-o no tacho em que já tinha servido o elixir e ofereceu à vaca. Ela cheirou.

Não quis nem provar.

— Deve estar com medo do tacho.

— Pensa que vai voar de novo, se comer o que tem aí dentro.

Enquanto isto, eu, bem feliz, devorava os pastéis com recheio de chocolate.

O bálsamo dos gigantes

Por fim a vaca resolveu expressar-se como pôde e fez:

— Muuuuu!

— Ela está querendo nos contar algo.

— Muuuuu!

— Começo a entender, é referente à sua perna dianteira esquerda. Repare que, cada vez que berra, lambe a perna.

Tia Quiquinha era mesmo um gênio.

Gumercindo tocou na perna esquerda dianteira da vaca e a pobre lamentou-se:

— Muuuuu!

Era um "muuuu" de cortar o coração.

Sem dúvida, havia algo errado com sua perna.

Dois toques no local doente e Quiquinha proclamou:

— A perna está quebrada. A aterrissagem foi violenta e o peso do corpo repousou sobre o lado esquerdo dianteiro, fratura interna.

— E agora? — indaguei, parando de mastigar o pastel.

— Basta engessar-lhe a perna — ponderou tia Maricotinha.

— Vamos chamar o pronto-socorro! — sugeriu Gumercindo.

— Não seja exagerado — respondeu tia Quiquinha — Tenho poções

mágicas capazes de fazer esse serviço sem gesso, nem demora. Amanhã estará boa. Basta esfregar de meia em meia hora a perna quebrada com o bálsamo que era usado pelos gigantes dos contos de fadas.

— Mas não podemos deixá-la escarrapachada aqui no hall da escada, — observou tia Maricotinha.

— Claro que não — respondeu tia Quiquinha, indignada com a possibilidade de tanta falta de consideração com a vaca.

Em seguida deu ordens para Gumerindo e tia Maricotinha:

— Vocês dois procurem levá-la para a sala, embaixo, enquanto vou preparar o bálsamo milagroso.

Gumerindo e tia Maricotinha colocaram, com esforço, as patas dianteiras da vaca sobre seus ombros. A vaca como se entendesse o que se passava e com muito boa vontade, embora isso fosse difícil pois nunca caminhara assim antes, começou a descer a escada apenas nas pernas traseiras. A marcha era lenta, tanto porque a vaca perdia o equilíbrio, como porque os seus dois enfermeiros também caminhavam com dificuldade. Não é fácil descer uma escada com uma vaca apoiada às costas. É um animal um pouco pesado. Além disso, tia Maricotinha, mesmo sem carga nenhuma, não costumava ser muito ágil.

— Cuidado com o degrau, tia Maricotinha. Olhe para o chão, deixe que eu olho para a vaca.

— Tem razão, Gumerindo, mas, por favor, tome cuidado para que ela não escorregue.

— Devagar, que os degraus estão rangendo de uma forma assustadora.

— A casa é velha, mas a madeira é muito sólida, boa construção antiga, resiste bem ao peso de uma vaca.

— Cuidado, Lalau, não puxe o rabo da vaca — recomendou Gumerindo.

— Não estou puxando, apenas segurando, assim ela não precisa se preocupar com ele.

Na verdade eu estava limpando a poeira do corrimão com o rabo da vaca que me parecia um espanadorzinho muito a jeito.

Passo a passo, descansando de vez em quando para a vaca repousar, o cortejo chegou à sala.

— Onde vamos colocá-la?

— Acho que o sofá é um bom lugar.

Mas, enquanto dizia isso, tia Maricotinha sentiu o cheiro de queimado que vinha da cozinha. Foi automático, largou a vaca no chão. Para evitar a queda do animal, que seria desastrosa, Gumercindo também se abaixou. A vaca ficou como estava lá em cima, deitada no chão.

— Que horror! Está tudo perdido! — gritou tia Maricotinha já na cozinha.

Gumercindo, apavorado, correu para socorrê-la.

Nesse instante pensei que os pastéis de chocolate poderiam ter virado carvão e corri também para a cozinha.

A fumarada era grande. Mas os estragos pequenos. Nada que se assemelhasse ao desastre do forno do fogão estourado. Apenas uma panela de frango ensopado tinha virado frango torrado. Os pastéis estavam perfeitos em cima da mesa. Até me servi de mais um.

Tia Maricotinha era pessoa de muita presença de espírito. Por isso apagou o bico de gás. Retirou a panela do fogo, segurando-a com um pano de pratos, e a colocou na pia. Despejou água em cima. Não havia mais perigo. Tudo perfeito. Mas nesse momento ouviu-se a voz de tia Quiquinha, chamando:

— Gumercindo, venha buscar o bálsamo para passar na perna da vaca!

— Já estou indo.

Estava mesmo. Porque ele saiu correndo. Saiu, mas não chegou a passar da sala. Vi tudo, porque fui atrás dele.

A vaca naquele instante mascava o último dos retratos de Aniceta, que tinham se esparramado pelo assoalho na ocasião do "casamoto".

Até aquela idade eu nunca tinha visto um ser humano tomado por uma verdadeira dor interior. Gumercindo revelou-me o quanto é possível sofrer sem dor física. Ficou parado, pálido, incapaz de qualquer gesto. Nem mesmo lhe ocorreu tentar tirar o último pedaço de Aniceta da boca da vaca. Mudo, espantado. Dor apenas.

Quem fez o gesto fui eu. Puxei o retrato mascado para fora. Puxei, mas não arranquei dos dentes triturantes que o esmagavam. Gumercindo murmurou quase num suspiro, com a voz, suponho, dos que estão morrendo:

— Deixa, Lalau, não adianta mais!

Deixei.

E ali, diante do sofrimento de Gumercindo e da minha pena dele, a vaca mascou até o último tiquinho do que restava de Aniceta.

Os retratos de Aniceta

Em meio ao nosso silêncio, só quebrado pelo ruminar da vaca, soou o grito de tia Quiquinha:

— Oi, Gumercindo, você vem ou não vem buscar o bálsamo para curar perna quebrada?

— Eu? O quê? Que perna? Quem quebrou?

E tia Quiquinha começou a ficar irritada:

— Quem? A sua perna, a minha perna, as pernas das centopéias e, se descuidar, as quatro pernas de sua prima Aniceta, que embora só tivesse duas, bem poderia ter até seis, como qualquer inseto. Por favor, Gumercindo, use a cabeça e deixe de fazer perguntas sem sentido.

— Aniceta? Sim, agora me lembro.

— Claro que se lembra! Essa sua cabeça só funciona quando se fala nela.

— A vaca comeu.

— Quem comeu o toicinho que estava aqui foi o gato, seu tonto.

— Não, foi a vaca.

— E o que ela comeu?

— Os retratos de Aniceta.

— Não!

— Sim!

— Que horror!

— Pois é.

— E agora?

— A senhora, que é capaz de fazer magia, é que deve saber como se pode recuperar retratos de noiva comidos por vaca. Ainda mais que a vaca é sua, pois eu

lhe trouxe de presente e...

— Pare com tanto palavrório, você me atordoa e não consigo pensar.

Gumercindo ficou calado e tia Quiquinha, no alto da escada, pensativa.

Só se ouvia o ruído sempre igual da vaca ruminando.

Foi então que eu disse:

— Por que não tira um retrato da vaca e pendura na parede?

A minha voz saiu gritada e logo me arrependi de ter falado. Decerto tinha perturbado o fio do pensamento de tia Quiquinha. Mas foi o contrário, pois ela respondeu entusiasmada:

— Isso mesmo, Lalau, você tem toda a razão.

Gumercindo protestou:

— Não quero retrato da vaca, isso apenas vai me deixar mais triste ainda, pensando que perdi os de Aniceta.

— Cale a boca, seu bobão — repreendeu tia Quiquinha. — Não se trata de retrato da vaca.

— Mas foi isso que Lalau disse — afirmou Gumercindo.

— Foi o que ele disse, mas daí já parti para outro pensamento.

— Eu não.

— Claro que você não. Nem é capaz disso. Mas as coisas são claríssimas.

Se a vaca acabou de engolir os retratos, todos os pedacinhos ainda estão no estômago dela...

— Mas cada vez estão mais miudinhos — observei eu — porque ela não pára de ruminar.

— Isso não tem importância — explicou tia Quiquinha.

Depois desceu a escada, entusiasmada com a idéia que tinha tido:

— Mais mastigados ou menos mastigados, tanto faz como tanto fez. Se estão ainda no estômago, estão todos e se estão todos nada está perdido, porque tudo está conservado. Portanto os retratos podem ser refeitos, recuperados e rerretratados.

Neste momento terminou de descer a escada. Entregou para Gumercindo uma panela com um caldo grosso dentro e ordenou:

— Vamos, esfregue o bálsamo na perna da vaca...

— Para recuperar os retratos? — admirou-se ele.
— Não seja bobo, para curar-lhe a perna.
— E os retratos?
— Não esqueça que é preciso repetir a dose de meia em meia hora.
— Para obter os retratos?
— Não sabe perguntar outra coisa? Claro que o bálsamo de meia em meia hora é para a perna quebrada.
— E para os retratos?
— Não me deixe tonta, faça o que lhe disse, enquanto penso numa solução.
— Para os retratos?
— Claro, para que haveria de ser?

O barulho misterioso

De repente a casa pareceu vir abaixo com umas batidas que soavam como se as paredes estivessem estourando:

— Ploft-planque-ploft-planque!

Gumercindo massageava a perna da vaca e quase deixou cair a panela.

Ainda desta vez foi sorte eu estar junto dele, segurei a panela e o bálsamo não se perdeu.

Tia Quiquinha gritou:

— Cuidado!

Eu comecei a passar bálsamo na perna da vaca.

Mas Gumercindo olhava para nós dois apalermado, como alguém que sente medo. E o seu queixo, que já tinha caído uma vez, agora caiu de novo. Tia Quiquinha fechou-lhe a boca para evitar um acidente — por exemplo, ele deslocar o maxilar. Tia Quiquinha e eu não entendíamos por que ele se mostrava tão esquisito.

Devia ser saudade de Aniceta ou qualquer preocupação com os retratos.

Ele olhava para os lados como se esperasse ver o gigante que fazia estremecer a casa.

Tia Quiquinha, estranhando o jeito dele, quis saber:

— O que foi, Gumercindo?

— Esse barulho, o que significa?

— Que barulho?

— Essas pancadas.

— Ahnn! Pensei que você estivesse interessado em como vou recuperar os retratos de Aniceta e agora me vem com uma pergunta tão sem sentido.

— Que força estranha está abalando as paredes da casa?

A vaca lambia a perna bezuntada de bálsamo, mas achei melhor não dizer nada. Tia Quiquinha sempre sabia, previa e adivinhava tudo e devia saber que a vaca ia lamber a perna. Portanto, tudo devia ter sido calculado para que a quebradura fosse emendada tanto pelo efeito externo como interno do bálsamo. Achei que as massagens eram suficientes por aquela meia hora. Coloquei a panela em cima da mesa, longe do alcance da vaca, para que não ocorresse ela beber tudo de uma vez. Enquanto isso, tia Quiquinha explicava para Gumercindo o barulho, que para mim e para ela era muito natural:

— Essas batidas?

— Sim.

— Mas, por favor, Gumercindo, você está mesmo muito nervoso. É apenas sua tia Maricotinha sovando a massa para preparar pão.

Todos os dias, tia Maricotinha fazia aquilo. E sempre a casa parecia estremecer. Mas, afinal, não se pode levar a sério o que virou costume, daí nem nos importarmos.

Gumercindo desculpou-se:

— Estou mesmo um pouco nervoso, talvez seja pela perda dos retratos de Aniceta.

— Mas, por favor, entenda. Não há perda. Pois, se estão no estômago da vaca, estão guardados. É apenas uma questão de rapidez, tomarmos as providências necessárias enquanto é tempo.

Gumercindo se pôs de pé como se já fosse sair correndo para providenciar o que era necessário e concordou:

— Claro, temos que agir com a maior rapidez.

— Muito bem, enfim você se torna mais cooperativo. Telefone para um

pronto-socorro veterinário e peça uma ambulância equipada para radiografia.

Telefonamos para todos os endereços que encontramos. Mas não conseguimos nenhum pronto-socorro veterinário com o equipamento necessário para o caso.

Então começamos a apelar para os pronto-socorros não veterinários.

Nada. Parece até que nunca se pediu uma radiografia de estômago a domicílio.

Tia Quiquinha decidiu:

— Chamem uma ambulância dessas que fazem radiografia de pulmões, afinal também dá para quebrar o galho.

Chamamos.

Foi uma boa solução.

Quer dizer, antes de solucionar, quiseram saber mais isto e mais aquilo, mas nesta altura tia Quiquinha pegou o telefone e deu a bronca:

— Para o que é não interessa. Pode até ser apenas para eu ver uma ambulância dessas por dentro. Diga quanto é, e eu pago.

— Eu ajudo se for muito caro — cochichou Gumercindo.

Tia Quiquinha fez gesto para que ele calasse a boca. Dinheiro para ela não era problema. Transformava em ouro tudo o que queria.

Os da ambulância foram vencidos pela ganância. Vieram.

A ambulância para a vaca

Chegaram tocando sirene.

— Lalau, mande entrarem com a ambulância no quintal.

Fui até o portão e fiz sinal com a mão chamando-os.

Os homens desceram da ambulância e caminharam em direção ao portão, que continuava aberto desde que Gumercindo tinha chegado, naquela manhã, com o carro e a vaca.

— É para pôr a ambulância para dentro — avisei.

— De que jeito, com esse carro aí?

Gritei pela janela da sala:

— Tio Gumercindo, venha tirar seu carro do caminho.

Gumercindo veio. Ao dar marcha à ré amassou o pára-lama no portão, embora este fosse tão largo que a ambulância entrou folgada.

— Quem é o doente? — indagou o homem de branco que parecia chefe dos outros.

Tive a impressão de que, se eu respondesse "uma vaca", o homem podia pensar que eu estava sendo mal-educado com ele. Achei que a situação era daquelas que só mesmo a habilidade e inteligência de tia Quiquinha sabiam transformar em coisas aceitáveis, razoáveis e tratáveis. Por isso chamei por ela:

— Tia Quiquinha, a ambulância chegou!

— Mande entrar.

— Já mandei.

— Dentro da sala.

O homem olhou para mim e sugeriu:

— Talvez seja melhor o doente sair.

— Acho que não é possível.

— Bem, nós podemos carregá-lo em padiola.

— Não acredito, mas talvez consigam.

Dois enfermeiros pegaram a padiola e seguiram atrás de mim. O tal chefe fechava o cortejo. Entramos na casa pela porta da cozinha, porque a gente costumava sempre passar por ali.

Tia Maricotinha tinha terminado de amassar o pão e agora estava cobrindo a massa com um pano para que crescesse. Só depois disso é que a levava ao forno. Olhou para os desconhecidos e perguntou:

— Alguém está doente?

— Não senhora — disse o chefe, que parecia mal-humorado. — Isto é um baile de carnaval.

— É incrível como não me avisam das coisas nesta casa — reclamou tia Maricotinha.

Os homens continuaram me seguindo e chegamos à sala.

Tia Quiquinha estava esfregando a perna da vaca com o bálsamo, pois já

passara meia hora da primeira aplicação. E remédios mágicos são muito exigentes na dosagem exata, senão perdem o efeito.

Os três homens arregalaram os olhos como se nunca tivessem visto uma vaca. É incrível como as pessoas se perturbam por coisas insignificantes.

É claro, todos conheciam vacas, todos conheciam velhas como tia Quiquinha e conheciam salas parecidas com a nossa. Mas, tudo junto, nunca tinham visto. A falta de capacidade para unir o que sempre é visto separado é muito marcada nas pessoas. Deve ser porque estão condicionadas a pensarem que o certo é outra combinação e não a nova.

Afinal, se já a tivessem visto combinada antes não seria nova. Por isso os três homens pareciam estar vendo uma cena de outro planeta.

— Ela está com a perna quebrada — explicou tia Quiquinha, para quem este era o único detalhe novo.

— Mas nós não somos veterinários... tampouco...

— Eu sei tudo que vocês não são, mas isso não tem importância. Quero apenas uma radiografia do estômago dela.

— O caso é que...

— Também sei, mas pode dar um jeito.

— Como?

— Fazendo uma radiografia do estômago dela.

— Quer dizer, dos quatro estômagos?

O homem começava a raciocinar mais de acordo com a situação.

— Sim, claro, dos quatro estômagos, ou dos oito, ou dos dezesseis, ou dos trinta e dois, ou de quantos tenha uma vaca, mas é urgente!

— Por causa da perna quebrada?

Gumercindo estava entrando de volta e respondeu:

— Não, por causa dos retratos de Aniceta.

Os homens outra vez saíam do conhecido para o estranho e ficaram espantados.

Tia Quiquinha agora já dominava a situação e explicou, claro:

— Não liguem para o que ele diz. A radiografia é o serviço de vocês e é isso que quero. Tudo o mais é palavreado.

— O problema único é levá-la até a ambulância.
— E por que não a carregam nessa padiola?
— É que, sabe, nós não somos veterinários...
— Deixem de tantos não-me-toques, um doente é um doente, seja gente ou seja vaca.

Dizendo isto, tia Quiquinha tomou a padiola das mãos deles, colocou-a no chão e com ajuda de Gumercindo e minha, empurrou a vaca para cima dela. Depois ordenou:

— Agora, que já fizemos o mais difícil, carreguem-na para a ambulância.

Tentaram. Mas não deu. O chefe ajudou e Gumercindo também. Então o cortejo andou. Empacou na primeira porta. A padiola não passava. Era um defeito de construção da casa. Todas as portas e janelas estreitas demais, com exceção da janelona do quarto de tia Maricotinha no andar de cima.

— Mas, se a padiola entrou, como é que não sai? — Perguntou Gumercindo.

É que, na pressa, os homens tinham entrado com a padiola de lado. Para sair, agora, com a vaca em cima, não passava na largura das portas.

— Se a vaca não pode ir até a ambulância, a ambulância que venha até a vaca — concluiu tia Maricotinha.

— Se a vaca não passa pela porta, menos ainda pode passar a ambulância, que é muito maior — explicou Gumercindo, que entendia de carros.

Carro me fez pensar em garagem, que sempre tem porta larga. Foi por isso que tive a idéia de dizer:

— E por que não alargar as portas?

— Claro, Lalau, você tem toda a razão — apoiou tia Quiquinha.

Mas Gumercindo lembrou-se de que, depois de sua chegada, tinha tentado derrubar parte da parede da cozinha sem o conseguir e falou desanimado:

— Mas, tia, hoje já quis fazer isso e não consegui.

— Isso foi você. Mas um pedreiro consegue até derrubar uma casa quanto mais uma parede.

O chefe da ambulância resolveu também entrar com sua sabedoria e aconselhou:

— Creio que seria mais garantido chamar um engenheiro. Ele saberia fazer

os cálculos da resistência das paredes e de toda a estrutura da construção, abrindo a porta sem prejuízo nem da solidez da casa nem da boa aparência.

— Tem razão. Vamos, Gumer cindo, não perca tempo, telefone para uma empresa de engenharia.

Engenheiros para abrir uma porta

Depois de algum tempo, Gumercindo continuava a telefonar. Tanto ele como tia Quiquinha pareciam ignorar os da ambulância. O chefe quis saber:

— E nós?

— Os senhores esperam.

— É que...

— Não tem quê, nem meio quê. Pago pelas horas de espera também.

— Sendo assim...

— É isso mesmo e já que está recebendo, pode ir aproveitando o tempo e passando o bálsamo na perna da vaca.

— O quê?

— Isso mesmo.

Entreguei a panela para ele e expliquei:

— O bálsamo é isto. A perna quebrada é a dianteira esquerda.

O homem passou o serviço para um dos ajudantes e recomendou:

— Não suje a padiola.

Não havia perigo, todo o bálsamo que pingava, a vaca lambia.

Gumercindo começava a se desesperar. Nenhuma empresa de construção aceitava abrir portas com urgência em casas velhas.

Tia Quiquinha ficou indignada com a falta de jeito de Gumercindo para obter as coisas e o repreendeu:

— Fale logo que pagamos o que pedirem, em ouro, se gostarem, e se não gostarem, em papel, que vale menos, mas eles pensam que vale mais porque é comum e habitual. Ou será que você ainda não aprendeu que se houver dinheiro tudo se torna possível?

Gumercindo fez um ar de quem não tinha jeito para falar em dinheiro com tanto desembaraço. Mas forçado pelo amor de Aniceta, pela vontade de recuperar os retratos perdidos e pelo olhar de pouco caso de tia Quiquinha em direção a ele, informou pelo telefone:

— A porta vai ser paga, não pelo preço de uma porta, mas pelo preço de uma necessidade urgente. O senhor calcule quanto vale o seu serviço em caso de emergência.

O engenheiro fez um preço, Gumercindo concordou.

Meia hora depois o homem chegava. Vinha com vários assistentes. Até mesmo um arquiteto, um especialista em cálculo de cimento armado e outros ajudantes. Trazia também um chefe de obras e os pedreiros necessários.

Tia Maricotinha declarou logo que não era possível tentarem fazer a porta larga na cozinha, porque isso ia perturbar o trabalho dela.

Depois de examinarem a casa toda, inclusive o andar de cima, decidiram que o melhor local para abrir a porta era a sala, no lugar onde já havia uma janela. Assim encurtava o percurso para carregar a vaca. Por duas razões: a primeira porque a vaca estava na sala. A segunda é porque a ambulância estacionara no quintal, bem junto à janela que ia ser transformada em porta.

Os homens esparramaram os papéis dos cálculos por toda a parte. Tia Quiquinha avisou:

— Cuidado! Não deixem perto da vaca senão ela os come.

— E a gente perde o trabalho já feito.

— Pior que isso, ela mistura no estômago com os retratos de Aniceta e então, sim, as coisas se complicam.

Os homens não entenderam, mas levaram a papelada para longe da vaca.

O arquiteto se pôs a explicar o estilo de porta que não deveria destoar do resto da casa.

Tia Quiquinha interrompeu:

— Deixe isso para depois. primeiro abrimos a parede para que a vaca possa passar.

O chefe de obras riscou a parede, onde devia ser aberta a porta.

O engenheiro examinou. Aprovou. O arquiteto não ficou muito satisfeito. Ia

reclamar, mas quando abriu a boca para falar, tia Quiquinha olhou de tal jeito, que ele perdeu a coragem e disse apenas:

— Vou sair para encomendar a porta.

— Faz muito bem — concordou tia Quiquinha.

O engenheiro lembrou-o:

— Mas leve as medidas, senão a porta talvez não se encaixe na abertura.

Daí mediram tudo de novo. Depois o arquiteto ia sair. Não chegou a se retirar porque tia Maricotinha apareceu e convidou:

— Vamos almoçar?

Hora de almoço

Ao ouvir o convite para o almoço, os de fora se entreolharam: engenheiro, arquiteto, enfermeiros, ajudantes de obras, médico, motorista, pedreiros. Os jeitos de olhar eram iguais. Cada um duvidava que o convite se estendesse a eles, que não eram da família. Mas na verdade queriam tanto ser convidados, que era como se, ao se olharem, o convite passasse a ser também para eles. Foi o momento de união das duas equipes: a médica e a de engenharia. Até aquele instante fingiam ignorar-se. Os da ambulância às vezes espiavam os relógios de pulso com ar de quem acha os da engenharia muito demorados. Mas agora ninguém quis saber as horas. Todos se uniam na vontade de almoçar.

Tia Quiquinha, a quem nem podia passar pela cabeça a possibilidade de que a irmã não estivesse convidando a todos, apenas quis saber do homem da ambulância:

— Se demorarmos mais um pouco, ainda podemos obter uma radiografia integral de tudo que a vaca engoliu?

— Claro, minha senhora. Sem a menor dúvida.

Então, tia Quiquinha, como se tivesse esquecido que não simpatizava com o arquiteto, falou para ele:

— Não se incomoda em deixar a encomenda da porta para mais tarde, não é mesmo?

Ele não se importou.

Tia Maricotinha explicou:

— Apenas não vamos ter lugar para sentar todos em volta da mesa.

— É um almoço americano — gracejou o engenheiro.

— Não, senhor, bem brasileiro. Não sei fazer comidas estrangeiras — corrigiu tia Maricotinha. — Não há nada melhor que feijão e arroz. Fico admirada em pensar que existem países inteiros, por este mundo afora, que não comem todos os dias feijão com arroz e, coitados, mesmo assim, conseguem pensar que almoçam ou jantam.

Todos concordaram. Fizeram muito bem, porque afora o feijão com arroz, tinha carne assada com batatas, pastéis de palmito (os tais de que eu tinha comido parte com recheio de chocolate), macarronada verde, abobrinhas recheadas e mandioca frita. Só não havia o frango ensopado, porque ocorrera aquele desastre de virar carvão dentro da panela. Bem, essa estória de carvão é exagero meu, o frango apenas queimara e fora jogado fora. Havia frango assado.

Depois do almoço teve sobremesa. Depois da sobremesa todos tomaram café. Menos eu, que prefiro apenas comer açúcar no pires.

A porta larga para a vaca

Daí em diante tia Quiquinha tomou o comando outra vez. Tinha passado a hora de tia Maricotinha brilhar com suas delícias culinárias. Chegava o momento de voltar a pensar na porta e na vaca.

Os pedreiros eram vários e ia ser rápido derrubar a parede no lugar determinado pelo engenheiro e marcado pelo chefe de obras.

Para que o arquiteto não atrapalhasse, tia Quiquinha aconselhou:

— Acho que o senhor pode ir tratar de encomendar a porta adequada ao estilo da casa. E não esqueça que precisa ser colocada hoje.

— Creio que o tempo é um pouco curto, mas...

— Mas é preciso, porque não vamos passar a noite com essa parede aberta. O senhor, tenho certeza, é capaz de resolver esse problema.

— Bem, acontece que...

— Não acontece nada. Quanto mais depressa for tratar do assunto mais depressa pode conseguir que tudo fique pronto.

— É que com pressa sempre cobram muito mais caro...

— Não se preocupe com isso. A conta é minha e não sua.

— Está bem.

O homem se foi. Com tia Quiquinha não adiantava querer discutir. Ela sempre tinha razão. Mesmo porque dinheiro nunca era o problema dela.

Quando precisava, transformava qualquer objeto em ouro e pronto. Era coisa que fazia na hora da necessidade. Não fabricava ouro à toa, a não ser por experiência. Por precisão, era num instante. Não gostava do ouro pelo ouro. Nem tinha tesouros escondidos. Usava os seus poderes e só.

No meio da poeira e dos tijolos caindo, uns para o quintal, outros para dentro da sala, não demorou e a abertura estava feita. Dava para sair a padiola com a vaca. Eu passava bálsamo na pata quebrada dela; continuei o meu trabalho, quando a carregaram para dentro do caminhão de radiografia.

A fim de tirar as chapas de raios X dos estômagos da vaca, os dois enfermeiros a erguiam e assim o visor do aparelho batia na altura de sua barriga. Era um trabalho demorado e cansativo. Mas a vaca, como sempre, portava-se com paciência e compreensão. Enquanto isso, eu continuava a esfregar o bálsamo em sua perna quebrada. Para não perturbar, permaneci dentro da ambulância quando terminei o curativo. Isso foi muito providencial porque, meia hora depois, pude fazer nova aplicação de bálsamo.

Lá fora os pedreiros tiveram tempo de terminar a abertura da porta. Quer dizer, dar acabamento, passar reboco e colocar os batentes. Depois ficaram à espera que o arquiteto trouxesse a porta que fora buscar.

O engenheiro e o chefe de obras também esperavam. Quando a porta chegasse haveria novos planos a serem traçados e sua presença seria necessária.

Tia Maricotinha, que não gostava de ver ninguém sem fazer nada, perguntou para os pedreiros:

— Então, gostaram do meu almoço?

— Claro, foi uma delícia.

— Nesse caso, venham agora ajudar a preparar o jantar.

— Nós somos pedreiros e não cozinheiros — respondeu um deles, enquanto os outros riam.

— Isso não tem importância. Sou contra a especialização demasiada. A gente, quando faz uma tarefa como profissão, deve fazer várias outras por distração.

— Como?

— Muito simples: o trabalho de pedreiro vocês fizeram profissionalmente e vão receber por ele; mas agora na cozinha vão trabalhar por prazer e não vão ganhar nada.

Eu, lá dentro da ambulância, escutava tudo. Ouvi também um dos pedreiros cochichar para o outro:

— É melhor obedecer a velhinha. Por aqui ninguém parece ter as telhas muito certas na cuca.

E foi assim que a tia Maricotinha arranhou uma porção de ajudantes e preparou, sem muito esforço, os quitutes para o jantar daquela noite.

Uma fica zangada, outra oferece docinhos

Enquanto esperava, Gumercindo roía as unhas, inquieto, sem acreditar que pudesse recuperar os retratos de Aniceta. Fiquei sabendo disso porque ouvi tia Quiquinha repreendê-lo:

— Tire a mão da boca, Gumercindo. Onde já se viu um homão desse tamanho roendo as unhas?

— Estou tão preocupado!...

— Bobagem!

Mas, por mais demorado que seja radiografar uma vaca, não há tarefa que não termine.

Foi o que aconteceu. Os enfermeiros levaram a vaca de volta para a sala e eu junto.

— E então? E os retratos? — afobou-se em perguntar Gumercindo.

— Isso não é conosco — respondeu um dos enfermeiros, em tom muito

malcriado.

Tia Quiquinha não admitia que alguém falasse com grosseria para ela ou qualquer pessoa da família. Tomou logo a defesa de Gumercindo.

— Pois, se não é com você, é com seu chefe. Quero essas radiografias já, e fiquem sabendo que são muito demorados e na próxima vez chamarei outro pronto-socorro...

O homem ainda quis engrossar:

— Nós não somos pronto-socorro e além disso não somos assistência veterinária...

— Pois se não é coisa nenhuma, o que veio fazer aqui? — bronqueou tia Quiquinha.

A discussão chegou a tal ponto, que o homem que tinha ficado dentro da ambulância, decerto revelando as chapas de raio X, resolveu aparecer e explicar:

— O serviço já está quase pronto. A senhora tenha paciência mais um pouquinho...

— Paciência tenho até demais, mas não admito que este cidadão — e tia Quiquinha apontava acusadora para o enfermeiro — venha me desacatar em minha própria casa, quando estão todos aqui em serviço e recebendo por isso. Portanto não lhes devo favor nenhum, os senhores é que me devem todo o respeito...

— Claro, minha senhora, — explicou o da ambulância — peço que desculpe esse idiota que não sabe o que diz.

Aí o enfermeiro quis encrespar com o chefe:

— Quem é idiota?

— Você!

Pelo grito do outro, o enfermeiro percebeu que não era hora de continuar a discussão e concordou:

— Ah! Se sou eu, está bem.

Mas tia Quiquinha ficou zangada. Era raro ela perder a calma mas, quando acontecia, era melhor a gente se abaixar, de boca fechada, exatamente como para deixar passar a onda quando se está no mar. Depois a maré descia.

Na cozinha, onde ninguém sabia da maré alta que se erguera na sala, os ajudantes de tia Maricotinha cantavam:

Tenho uma vaca leiteira
que dá leite e café a semana inteira,
só domingo não e então
eu só como pão,
eu só como pão!

E insistiam no verso final, muito desafinados.

A vaca mostrou entender que estavam falando nela, porque ergueu a cabeça e soltou um

— Muuuuuuu!

O berro ecoou de mistura com o grito do homem da ambulância que enfim, com um envelope na mão, saiu de lá de dentro correndo e anunciando:

— Aqui estão as radiografias!

Tia Quiquinha pegou o envelope. Abriu. Olhou o que estava dentro.

Aceitou o serviço como bom, pois ordenou a Gumerindo:

— Acerte a conta com eles.

Ela, como uma rainha ofendida, pior ainda, como uma feiticeira enfurecida, subiu a escada de cabeça erguida, passo firme, sem olhar para os lados.

Gumerindo pagou os homens. Apenas recebida a grana, entraram na ambulância, prontos para fugir o mais longe possível da ira de tia Quiquinha. E teriam feito isso se tia Maricotinha não aparecesse chamando-os:

— Um momento!

Os da ambulância esperaram, certos de que vinha nova bronca. Ao contrário, toda sorrisos e gentileza, tia Maricotinha ofereceu:

— Estamos fazendo docinhos deliciosos na cozinha, venham tomar um lanche.

Mas os pobres estavam assustados pensando que tia Quiquinha poderia voltar ainda zangada. Como não a conheciam, ignoravam que suas tempestades eram raras e rápidas. Queriam ir embora e dispensaram os docinhos:

— A gente está com pressa.

Tia Maricotinha insistiu:

— Tudo tem seu tempo, não devem correr demais, não é bom para a saúde e uma pausa para um lanchinho ajuda a manter a alegria e a boa disposição.

Os homens não estavam para essas coisas e se foram sem mais conversa.

Tia Maricotinha voltou para a cozinha, onde os seus ajudantes continuavam na maior algazarra e cantoria.

Gumercindo tornava a roer as unhas. Seu olhar estava perdido no vazio.

Eu não queria perturbá-lo. Por isso não perguntei se a vaca não corria o risco de ficar embalsamada, com tanto bálsamo. Foi ele quem falou primeiro:

— Você acha, Lalau, que é possível recuperar retratos mastigados e engolidos?

— Se tia Quiquinha diz que é, deve ser.

Ele voltou a ficar imóvel e mudo. Eu, parado, meio sem jeito. Bem que gostaria de ir para a cozinha, onde todos estavam tão animados, mas sentia vergonha em deixá-lo sozinho. Por isso fiquei ali. Além de tudo, sentia-me responsável pelo curativo da vaca, embora não tivesse sido oficialmente designado para a função.

Na trilha dos retratos

Daí um pouco bem espichado, tia Quiquinha desceu a escada, não tão alegre como era de se esperar. Ao olhar comprido e ansioso de Gumercindo, só pôde estender uma foto, dizendo:

— Por enquanto foi o que consegui, mas já é um começo, não perca as esperanças.

Gumercindo deu um grito, quase um uivo:

— Mas é o retrato da vaca!

— É a primeira tentativa. Trouxe apenas para você saber que estou me encaminhando para o nosso objetivo.

Olhei o retrato e comentei:

— Mas não é esta vaca.

— De fato não é, por isso mesmo a experiência se torna muito interessante

— comentou tia Quiquinha. — Vamos agora testar a reação dela.

Dizendo isso, colocou o retrato diante da vaca de verdade. O resultado foi inesperado. As lágrimas correram dos olhos da vaca como duas torneiras abertas.

E tia Quiquinha, sem se comover, falou com a frieza de que só a ciência e a magia são capazes:

— É o que eu pensava. Vai dar tudo certo, Gumercindo.

Pegou o retrato de volta e tomou o rumo da escada.

Gumercindo quis saber:

— Quem é a vaca do retrato?

— A mãe dela.

— E a Aniceta?

— Isso vem depois. Além do que, não estou bem certa se é a mãe ou a avó dela, pois, nestes casos de transformações, às vezes salta uma geração.

Gumercindo não deve ter entendido nada, nem eu tampouco, mas ficou calado e eu também.

A vaca é que parecia envergonhada daquela extravasão de dor.

E, em silêncio, pôs-se a lamber o chão, bebendo as próprias lágrimas.

Gumercindo, mudo e imóvel. Eu, esperando a hora de passar bálsamo na perna quebrada. Na cozinha, a maior algazarra.

Quem sabe que docinhos gostosos estariam saboreando, enquanto nós ali, como se estivéssemos no velório de Aniceta. Mas, francamente, faltava-me coragem para trair Gumercindo, deixando-o só. Fiquei. Dei uma espiada para a panela de bálsamo. Ainda estava mais da metade cheia. Não tinha pretexto para sair dali, nem mesmo o urgentíssimo que seria ir buscar um reforço de bálsamo. De todo o jeito, era melhor assim. Pois quando tia Quiquinha estava envolvida em alguma nova experiência, como agora, não convinha interrompê-la.

Só uma distração: olhar o relógio e ver passar os minutos até chegar a hora de cuidar da perna quebrada da vaca.

Antes disso, tia Quiquinha voltou.

Mais alegre agora.

— Boas notícias, Gumercindo. Aconteceu o que calculei, está saltando uma geração. Repare de quem é o retrato.

Gumercindo olhou para o retrato e depois para a tia Quiquinha, como quem ficou na mesma.

— É a avó de Aniceta, seu bobão.

— Não cheguei a conhecê-la, já era falecida quando Aniceta nasceu.

— Mas eu a conheci. É ela mesmo. Veja como a seqüência é perfeita: a vaca engoliu a imagem de Aniceta. Recuperei a imagem da avó da vaca, portanto agora aqui está a avó de Aniceta. Na próxima vez sua noiva estará aqui.

— Quem? Aniceta?

— Claro que não.

— Então, quem?

— O retrato dela.

— Todos os retratos?

— Não, apenas um que seja o resultado de todos os outros. Não se esqueça de que nessa série de processos de recuperação a matéria encolhe.

E de toda aquela papelada com a imagem dela, restará apenas uma centésima parte do total, se meus cálculos estão exatos.

— E se não estiverem? — inquietou-se Gumercindo.

— Se houver erro de cálculo serão diferenças infinitesimais e imperceptíveis na textura total da matéria recuperada. Esteja tranqüilo.

Gumercindo talvez não estivesse tranqüilo, mas sua imobilidade e mudez aparentaram isso.

A nova porta

Um caminhão entrou no quintal e parou rangendo os freios. Como se aquilo fosse uma ordem de "chamada", o pessoal da construtora saiu correndo da cozinha e rodeou o caminhão. É que lá estava a porta que o arquiteto tinha ido buscar. Era um objeto enorme e estranho. De porta mesmo, tinha apenas o feitio. Gradeada, cheia de adornos, com correntes dependuradas arrastando pelo chão, era tampa de túmulo de rico ou portão de castelo de bruxa.

Gumercindo nem olhou.

A vaca tampouco.

Eu me arredei do caminho, para deixar o campo livre para os pedreiros.

Os homens, num abrir e fechar de olhos, colocaram a porta no lugar.

O arquiteto parecia muito orgulhoso, comentava para o engenheiro:

— Veja, como combina com o estilo da casa.

O outro concordava:

— É uma linda peça. Mas como a conseguiu com tamanha rapidez? —

Percorri os antiquários, até que encontrei o que convinha. Está um pouco enferrujada para não destoar da casa.

— E o tamanho?

— Ah! Isso foi habilidade minha. comprei uma que passava um pouco da medida. Depois a levei a um serralheiro para que a deixasse no tamanho que precisávamos, sem sacrificar a beleza da obra original.

— Um belo trabalho! Vamos ver agora se fica ajustada e fácil de manejar.

Terminada esta observação, passou a examinar o ajuste das dobradiças de ferro no batente.

— Vai ficar perfeito.

Comecei a imaginar que tia Quiquinha poderia não achar tão perfeita assim.

Numa destas ela surgiu no alto da escada, chamando:

— Gumercindo!

— É o retrato?

— Veja que beleza!

Gumercindo saiu da imobilidade total para uma corrida desenfreada, saltando os degraus da escada de três em três. Por isso perdeu o equilíbrio, caindo de cara no chão, já quase lá em cima.

— Machucou-se? — perguntou tia Quiquinha, ajudando-o a levantar-se.

— Não foi nada.

— É que há um degrau um pouco solto.

— Deixe ver o retrato.

— Olhe!

— Aniceta!

Era como se ele visse o impossível transformado em realidade.

Passado um instante indagou:

— Mas por que está com Lalau no colo?

— Também não entendi — explicou tia Quiquinha — mas, como já lhe disse antes, nestas transformações muitas surpresas podem ocorrer. A presença de Lalau é uma delas.

Eu estava entendendo muito bem. Saíra no retrato porque ficara todo o tempo em que radiografavam a vaca, agarrado a ela, passando-lhe bálsamo na perna.

Mas achei melhor não comentar o fato e deixar todas as explicações para tia Quiquinha.

Ela de fato continuou falando:

— Talvez porque Lalau seja um elo entre você e Aniceta.

Gumercindo, comovido, colocou o retrato no bolso dizendo:

— Creio que sim. E veja, tia, agora tenho um retrato de Aniceta para usar na carteira. Os outros eram muito grandes.

Depois desceu a escada e sentou-se, comigo no colo, beijando-me, como se eu fosse o filho único dele e de Aniceta.

Foi só então que tia Quiquinha também terminou de descer a escada e viu a porta. Parou. Olhou. Passou. Saiu. Entrou. voltou para dentro da sala e abraçou o arquiteto.

Beijou-o na testa.

Era a hora das grandes demonstrações de afeto, sem dúvida.

Demonstrações mudas.

Só depois de alguns minutos de contemplação foi que tia Quiquinha recobrou a voz:

— Estas portas antigas são muito mais lindas do que as de agora.

A felicidade geral

Nesse instante tia Maricotinha entrou com uma bandeja de docinhos e sanduíches, oferecendo a todos. Brincava com o pessoal da construtora:

— Sirvam-se, quem ajudou a fazer, bem merece comer.

Todos serviam-se e até guardavam alguns nos bolsos.

— Tem mais na cozinha. Estejam à vontade.

Tia Quiquinha chamou-lhe a atenção para a porta nova:

— Você viu que beleza, Maricotinha?

— O quê?

— A porta.

— Se eu disser ninguém acredita, pensei que sempre tivesse estado aí.

— É o maior elogio que eu poderia receber — comentou o arquiteto. — Foi tão bem com o estilo da casa que nem se nota ter sido colocada apenas agora.

Tia Quiquinha fechou a cara. Estava certa de que maior elogio fora seu beijo na testa dele. Ainda mais porque antes não simpatizara com o moço e aquilo significara dar-se por vencida. Mas o arquiteto era mesmo esperto. Percebeu que dera um fora. Por isso adiantou-se para tia Quiquinha, ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

Voltava tudo ao clima anterior das demonstrações de afeto. Ela passou-lhe a outra mão pelos cabelos.

Eu me lembrei da vaca e da meia hora que o relógio acusava ter passado.

Saltei dos joelhos de Gumercindo e fui esfregar bálsamo na pata quebrada da pobre. Ela me agradeceu com um — Muuuuuuu!

Havia um quê de tristeza em seu mugido. Não quis preocupar os outros com isso, mas eu mesmo fiquei inquieto. Não teria sido demais para ela, viajar no bagageiro de um carro, tomar elixir de levitar, quebrar a pata e ser radiografada? Gostaria de explicar-lhe que não se preocupasse, que ali em casa sempre tudo era muito tranquilo. Mas não sabia ainda a linguagem das vacas. Apenas, para confortá-la, abracei seu pescoço com carinho e dei-lhe um beijo entre seus dois olhos tristes.

Gumercindo, que não me perdia de vista, comentou:

— Lalau até em gostar de animais é parecido com Aniceta. Um verdadeiro filho que ela me deixou.

Era a felicidade geral naquele instante, dentro da sala.

Não para sempre. Porque nada é parado. As coisas, os fatos e a vida da gente escoam e variam com as circunstâncias e o tempo. Vai daí, a felicidade

também escoa. E se assim não fosse, como a gente saberia quando está feliz?

Nós sabíamos naquele instante. Até a vaca, que me beijou à sua moda, dando uma lambidinha com a ponta da língua no meu rosto.

Ouro para quem quer ouro

Parados ali e felizes para sempre é que não poderíamos ficar. Afinal, ninguém tinha morrido. Viver é acontecer. E como sempre diz tia Quiquinha:

— Antigamente, quando havia bondes, a gente tinha certeza de que tudo é passageiro, menos o cobrador e o motorneiro. Agora, não há mais dúvida alguma, até o cobrador e o motorneiro também são passageiros.

Sendo assim, nada fica parado. Todos são passageiros. Por isso o grande momento de imobilidade e afeto geral não foi muito demorado. Foi apenas um momento.

Depois a vaca mugiu. Gumercendo tossiu. Tia Maricotinha voltou para a cozinha. Tia Quiquinha pediu a conta para o engenheiro. O homem mostrou uma papelada, recibos e comprovantes de despesas. Ela não quis ver:

— Está tudo certo. Fiquei muito satisfeita com o serviço. Resta apenas saber se quer receber em ouro ou em papel?

O engenheiro riu, educado. Pensou que era uma piada. Não achou das mais engraçadas. Mas fez o sorriso conveniente para a ocasião.

Tia Quiquinha insistiu:

— Ouro ou papel?

Agora não parecia brincadeira. O homem deve ter se convencido que era caduquice e respondeu manso. Assim como quem não quer enfurecer um louco:

— Se não for incômodo, prefiro em papel.

— Eu sabia! — gritou tia Quiquinha triunfante — Todos preferem.

— É o costume, e por isso facilita para pagar meu pessoal e além disso...

Mas foi aí que deu um certo mal-entendido. O arquiteto interveio:

— Pois eu prefiro receber em ouro.

O engenheiro embatucou:

— Bem, mas é uma exigência descabida de sua parte, uma vez que sempre recebeu em papel.

— Mas sempre nos pagaram em papel.

Tia Quiquinha propôs:

— Pago em cheque, que é mais papel ainda que o dinheiro em papel e portanto deve contentar o senhor engenheiro de forma mais completa. Mas do total ele desconta o que corresponde ao arquiteto.

Assim dou papel a quem quer papel e ouro a quem quer ouro.

O engenheiro achou bom. Mexeu nos recibos, separou uns e deu para o arquiteto. Fizeram lá as contas deles. Depois tia Quiquinha pediu:

— Esperem só um instante. Vou ao meu laboratório buscar o talão de cheques e trazer o ouro.

Na ausência dela o engenheiro resolveu aconselhar o arquiteto:

— Você não percebeu que essa estória de ouro é caduquice da velha. Não aceite.

— Eu acredito nela.

— Não se trata de acreditar ou não. Ninguém paga em ouro, e se alguém faz o que ninguém faz, não faz de boa intenção.

— Pois eu acredito que sim. Veja a porta que coloquei na sala. Ninguém gostaria de uma porta assim. Ela gostou. Com isso demonstra que é diferente dos outros. Vai daí, pode pagar em ouro e o ouro ser ouro mesmo.

Eu resolvi tratar do meu serviço, que era passar bálsamo na perna da vaca. Gumercindo continuava mudo, olhando o retrato de Aniceta. A mim pareceu pouco delicado, da parte dele, não tomar a defesa de tia Quiquinha. Afinal, ela o defendera do enfermeiro, que tinha sido malcriado com ele. Mas também, coitado, com tantos aborrecimentos naquele dia, talvez não estivesse em condições de agir, nem de reagir.

Um ganha cheque e o outro uma pata

Tia Quiquinha voltou. Trazia um cheque já preenchido, que entregou ao

engenheiro. O homem conferiu e pôs no bolso. Não trazia ouro nenhum.

Apenas uma pata, que colocou em cima da mesa. O bichinho fez:

— Quá-quá.

Tia Quiquinha explicou para o arquiteto:

— Não está obrigado a aceitá-la. Mas se eu lhe der o ouro equivalente ao valor do seu serviço, logo o gasta. Se quiser esta patinha, ela vai pôr ovos de ouro para sempre.

— Puxa, tia Quiquinha, não sabia que havia em casa uma pata pondo ovos de ouro — falei, muito admirado.

— O meu laboratório não é lugar para criança. E nem tudo que faço preciso lhe contar, não é mesmo, Lalau?

— Claro, mas pensei que só fazia ovos de ouro transformando ovos comuns.

— São dois trabalhos diferentes, embora pareçam iguais — explicou tia Quiquinha.

— Pois eu sabia de galinhas que punham ovos de ouro, — resolveu palpar Gumerindo, — mas uma pata é mesmo extraordinário.

— É que os ovos de pata são maiores que os de galinha, portanto mais ouro cada dia — esclareceu tia Quiquinha.

— Nesse caso era melhor ter uma avestruz — falou o engenheiro ganancioso.

— Estou pensando não em avestruz, mas em ema, que é bicho nacional e fácil de conseguir.

— Prometo trazer-lhe uma em minha próxima viagem — ofereceu Gumerindo.

— Muito obrigada. Estou interessada na ema, não só pelo tamanho dos ovos, mas porque é um bicho que gosta de comer de tudo e não vou ter dificuldade em acostamá-la a alimentar-se com ouro, como tive com esta pata.

— Deu ouro para ela comer? — indagou o engenheiro, espantadíssimo.

— Claro, senão como ela haveria de pôr ovos de ouro?

— E põe mesmo? — continuou a querer saber o engenheiro.

— Acha que estou mentindo?

— Não, claro, mas é que...

— É que o senhor não acredita. Mas se é tão desconfiado assim, por que recebe um cheque? Talvez não tenha fundos. Por que não vai logo ao Banco para receber?

— Está me mandando embora?

— Entenda como quiser. Além do mais, não perguntei nada ao senhor.

Quero saber aqui do arquiteto, se ele aceita ou não a pata dos ovos de ouro como pagamento.

— Aceito!

— Puxa, tia, eu queria tanto uma pata assim para mim...

— Ora, Lalau, que bobagem, você ainda é muito criança, se quiser eu preparo para você uma galinha que põe ovos de chocolate.

— De verdade?

— Claro, meu amor, só que demora um pouco, porque a gente tem que pegar o bichinho desde recém-nascido e alimentar com ouro, com chocolate, para que os ovos sejam como se quer.

O engenheiro já ia se retirar com a turma dele, quando a patinha, como se fosse de propósito para dar-lhe uma prova provada da seriedade de tia Quiquinha, pôs um ovo de ouro em cima da mesa.

— Isso não é possível! — teimou o engenheiro.

— O impossível deixa de ser impossível quando passa a ser possível, e se ocorre é porque é possível, pois se fosse impossível não podia acontecer.

Nem diante desta explicação de tia Quiquinha o homem se convenceu. Agarrou o ovo e jogou-o no chão com toda a força. Nada. O ovo continuou inteiro. Eu o apanhei e entreguei ao arquiteto.

— Muito bem, Lalau — elogiou tia Quiquinha. — O ovo é do dono da pata.

O arquiteto pegou a patinha de cima da mesa, guardou o ovo no bolso do paletó e beijou tia Quiquinha nas duas faces:

— Não sei como agradecer, a senhora foi boa demais comigo.

— Não é bondade, não, meu filho. Você ganhou o que merecia. O extraordinário só acontece para quem acredita nele. Você é capaz de acreditar que uma pata ponha ovos de ouro, por isso agora tem uma assim.

— De toda maneira, muito obrigado.

— Volte de vez em quando para ver a gente.

Todos foram embora. Fiquei pensando que lindo seria uma galinha pondo ovos de chocolate. Era o mesmo que ser Páscoa o ano inteiro.

A chuvarada e o telhado furado

Nada mais aconteceu nesse dia.

Quer dizer, daí um pouco começou a chover muito forte. Só então a gente se lembrou que não tinha aproveitado os pedreiros para consertar o rombo no telhado. Faltava todo o pedaço por onde a vaca tinha aterrissado.

A água caía em tal quantidade que descia pela escada, formando cascata.

Tia Maricotinha aproveitou para jogar um pouco de sabão em pó e lavar o chão.

Quando a água chegou até a vaca, ela se levantou nas quatro pernas e andou, embora mancando da dianteira esquerda, que tinha sido quebrada.

Tia Maricotinha gritou:

— A vaca já está boa!

Nós todos corremos para ver.

Tia Quiquinha, do alto da escada, anunciou:

— Nada melhor que bálsamo de estórias de fadas para curar ferimentos e ossos quebrados.

— Ainda manca um pouco — observei.

— Antes da noite deverá estar completamente bem. — foi a resposta de tia Quiquinha.

A água continuava correndo escada abaixo. Sorte que tia Quiquinha não tinha descido e estava perto do seu laboratório. De lá pegou um grande tacho e preparou uma fogueira dentro dele. Colocou o caldeirão de fogo embaixo da goteira gigante. A água, antes de chegar ao chão, se transformava em vapor, devido ao calor. E subia de novo, feito nuvem.

Tudo terminaria bem, se os vizinhos da casa em frente não tivessem se intrometido.

Foi assim: viram a fumaça saindo do telhado e pensaram que era incêndio. Telefonaram para os bombeiros. Daí a pouco ouvimos as sirenes. Depois os carros vermelhos pararam em frente à nossa casa. Os bombeiros, rápidos, dirigiram as mangueiras para o telhado. A água foi tanta, que apagou o fogo do tachó. A cascata na escada, agora, parecia as cataratas do Iguaçu. Tia Maricotinha voltou a jogar sabão em pó e terminou de lavar o chão.

Tia Quiquinha se conformou com o inevitável e apenas comentou:

— Não sei por que as pessoas, quando vêem fumaça, logo pensam em fogo. E menos ainda entendo por que os vizinhos gostam tanto de se meter na vida dos outros.

Eu me encarapitei no alto do corrimão da escada. Dali podia ver a água caindo.

Melhor que isso era voar de vaca e eu pensava em como conseguir convencer minhas tias a me deixarem voar outra vez. Tinha sido um dia e tanto.